



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Educação e Economia Solidária: Trajetória dos sujeitos e desafios estratégicos da UFPB no Vale do Mamanguape Paraibano

Área Temática: Teoria e Prática da Economia Solidária

Adriano P. da Silva¹, Jefferson S. dos Santos², Rozimar R. De Brito³, Lidiane N. Silva⁴, Paulo R. P. Silva⁵

¹ Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, Rio Tinto-PB – adriano.patricio@dce.ufpb.br

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, Rio Tinto-PB – jefferson.simplicio@dce.ufpb.br

³ Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, Rio Tinto-PB – rozimar.rodrigues@dce.ufpb.br

⁴ Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, Rio Tinto-PB – lidianepecologia@hotmail.com

⁵ Professor Doutor do Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB – Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Etnias e Economia Solidária – GEPEES – UFPB, Campus IV, Mamanguape-PB – ppalhana1@gmail.com

Resumo

O artigo trata sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa “EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDARIA: Sujeitos e desafios estratégicos da UFPB no Vale do Mamanguape” vinculado ao GEPEES-PIBIC-UFPB tendo como objetivo estratégico “identificar os empreendimentos econômicos e solidários no Vale do Mamanguape (PALHANO SILVA, 2011). Utilizar-se a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002) por considerar o arcabouço metodológico que investiga construir resultados de referencia e possibilita o empoderamento dos sujeitos nas ações do projeto. Para tal, utilizar-se-á a base de dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária-SENAES/MTE, identificando os empreendimentos e as características da ação requerida aos Cursos da UFPB no CCAE. Observação da realidade, diálogos, aplicação de questionários, sistematização, análises, produção de relatório, visitas técnicas, apresentação dos resultados do relatório a comunidade, validação dos resultados e publicização dos achados. Processo permeado e fortalecido por aporte teórico-metodológico com os momentos reflexivos sobre a temática da economia solidária e os dados da realidade. A pesquisa revela singularidades da educação em economia solidária e destaca os traços requeridos para a inserção da universidade. As feiras em foco são locais ecopedagógicos, onde saberes circulam tendo como base as matrizes da agroecologia e da economia solidária.

Palavras-chaves: Educação; Extensão; Economia solidária; Feiras Agroecológicas.

1 Introdução

A economia solidária tem se constituído como prática social, sendo capaz de aglutinar milhares de famílias que materializam em seus cotidianos formas diferentes de produzir, vender, comprar e trocar com base nos valores da autogestão, democracia, cooperação e da solidariedade. No Brasil, em 2007, foram identificados 14.954 empreendimentos em 2.274 municípios. No estado da Paraíba foram catalogados 129 municípios da PB perfazendo uma cobertura de 58% do total de 670 empreendimentos. A pesquisa indicou que os empreendimentos econômicos e solidários reuniam 56.964 indivíduos, sendo trabalhadores homens 30.010 e Mulheres 26.954. Em termos de grupos informais a pesquisa registrou 209



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

grupos informais, e já formalizados 387 associações e 52 cooperativas. Desse total um volume de 399 organizações atuam no campo, 150 atuam na cidade e 120 atuam no campo e na cidade. (SIAF/SENAES/MTE/GOV FEDERAL, 2007).

As feiras agroecológicas e solidárias constituem-se o espaço onde culmina o objeto da presente pesquisa. Ao longo dessa trajetória utilizou-se a pesquisa-ação como plataforma metodológica o que possibilitou a visualidade das singularidades da educação em economia solidária nesses ambientes. A vivência das ações com a pesquisa-ação enquanto estrutura pedagógica foi um exercício pedagógico que possibilitou a ação que cientificiza a prática educativa (FRANCO, 2005). As feiras em foco são locais ecopedagógicos, onde saberes circulam tendo como base as matrizes da agroecologia e da economia solidária.

A economia popular e solidária pode ser verificada a sua existência por diversas maneiras, dentre as quais: a) a sua forma prática, quando existem empreendimentos que realizam trabalho e comercialização coletiva; b) pela sua expressividade metodológica que se manifesta por meio de uma pedagogia popular, de apropriação pelos seus sujeitos e até pelos seus parceiros; c) pela natureza não capitalista que assume suas relações sociais e de produção, sem patrão, com condução e decisão com democrática pelos seus integrantes.

É fundamental reconhecer a existência de um Estado da Arte na Economia Solidária apresentada por Singer (2009), Melo Neto (2003), Gaiger (2004), Dagnino (2009), Palhano (2008^a; 2008^b; 2009; 2010^a; 2010^b; 2010^c; 2010^d), Gadoti (2009), onde apresentam conceitos, tipologias e características da economia solidária e de seus sujeitos.

Ao dialogar com a realidade brasileira, Eveline Dagnino manifesta que existe uma nova cidadania que começou a ser formulada pelos movimentos sociais. A partir do final dos anos 70 e ao longo dos anos 80, organizou-se no Brasil, em torno de demandas de acesso aos equipamentos urbanos como moradia, água, luz, transporte, educação, saúde etc. e de questões como gênero, raça, etnia etc. Inspirada na sua origem pela luta pelos direitos humanos (e contribuindo para a progressiva ampliação do seu significado) como parte da resistência contra a ditadura, essa concepção buscava implementar um projeto de construção democrática, de transformação social, que impõe um laço constitutivo entre cultura e política. Incorporando características de sociedades contemporâneas, tais como o papel das subjetividades, o surgimento de sujeitos sociais de um novo tipo e de direitos, também de novo tipo, bem como a ampliação do espaço da política, esse projeto reconhece e enfatiza o caráter intrínseco da transformação cultural com respeito à construção da democracia. (DAGNINO, 2004, p.104)

Por fim, declaramos que sua importância reside também no fato do GEPEES ter sido solicitado por empreendimentos econômicos e solidários para que a UFPB realize estudos sobre a situação sócio-econômico-cultural dos grupos produtivos no Vale do Mamanguape.

2 Desenvolvimento

É percebido que a economia solidária promove mudanças nos planos social, econômicos e político. No sujeito gera uma emancipação marcada por interesses, de forma especial, pela sua participação e organização popular, pautado na cooperação e autogestão nos empreendimentos de Economia solidária.

No Brasil, emergiu na década de oitenta no âmbito dos movimentos sociais, o Movimento de Economia Solidária que tem constituído uma identidade social e política desenhada a partir da



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

ação coletiva desencadeada por grupos de famílias trabalhadoras, apoiada por ONG's. Esses sujeitos sociais têm se empoderado na luta pelo desenvolvimento territorial, sustentável e solidário contribuindo de forma significativa para além da erradicação da pobreza extrema, armando uma nova arquitetura de representação nas redes sociais e produtivas e fóruns, tendo a capilaridade de atuar no campo da produção material, nos processos de articulação política, formação educativa, produção bens e serviços gerando um capital cultural e político. (PALHANO SILVA, 2011)

Paul Singer, um dos ícones da economia solidaria no Brasil, manifesta que a economia Solidária tem uma característica de materializar um “desenvolvimento misto”, pois nesta economia contemporânea de natureza. O desenvolvimento vem tornando a economia mais mista, ou seja, uma combinação cada vez mais complexa de modos de produção. (SINGER, 2008, p.17).

Em 2003, surgiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária que está implementando o Programa Economia Solidária em Desenvolvimento. O intuito é promover o fortalecimento e a divulgação da economia solidária mediante políticas integradas visando o desenvolvimento por meio da geração de trabalho e renda com inclusão social. O que há em comum entre o Crédito Agrícola, banco que gera lucros consideráveis, assim como paradoxos a partir destes. Suas grandes instituições proclamam-se diferentes de suas homólogas capitalistas, porém disso nem sempre há prova explícita ou convincente. Os grandes bancos e as sociedades mutuum com listas de seguros, bem como as cooperativas, têm estatutos incompatíveis com a lógica do mercado. No entanto, elas moldam-se ao sistema liberal a ponto de não poderem ser facilmente diferenciadas das empresas comuns. (MOTCHANE, 2008, p.110).

Para Jean-Loup Motchane, “É claro que contribuem com uma sustentação discreta, porém real, a empresas de economia solidária, militantes e inventivas, porém essa ajuda aparece mais como uma “boa ação” humanitária do que como uma vontade de opor outro modelo à economia de mercado. Elas divulgam seu vínculo a ideais comuns, mas ainda têm muito a fazer para calar seus opositores e melhorar sua compreensão. (Id. 2008 p.111). Essa reinvenção de organização do povo brasileiro via a economia solidaria, “deixam aos políticos a preocupação de inventar outro modelo de sociedade, diz Jean-Loup Motchane(2008, p.111). Já PALHANO SILVA (2010, p.1) acredita que organização social no seio da economia solidária não se limita a empreendimentos isolados, mas há um conjunto complexo de redes que reúne atores com mesmo objetivo social, produtivo, político, cultural, e lançam ações construindo diretrizes e perspectiva para suas vidas.

Em “Redes: um novo sujeito coletivo na economia solidaria”, PALHANO SILVA analisa as ações educativas das Redes de Economia Solidária no Brasil, particularmente, nas atividades da Rede Abelha. Esta reflexão foi construída, a partir das práticas educativas vivenciadas em projetos de formação sócio profissionalizante, no Plano Nacional de Qualificação Sócio Profissional - PLANSEQ ECOSOL - Ministério do Trabalho e Emprego – M.T.E. – Secretaria de Economia Solidaria – SENAES, exercida nos períodos de 2006 a 2008 e 2008-2010. As temáticas abordadas no processo de formação foram especialmente questões referentes ao mundo do trabalho, economia solidaria, comércio justo, com recorte em temáticas como metodologias participativas, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, gestão coletiva, controle social. As Redes de economia solidária são a expressão da sociedade civil, congregando trabalhador(a)s de segmentos produtivos e sociais, entidades âncoras, tendo algumas com atuação de âmbito nacional e regional e vinculam-se á economia solidária



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

seja pelos princípios, pela forma de cooperação e autogestão. (PALHANNO SILVA, 2011)

As ‘Redes’ de economia solidária que atuam no Brasil se constituíram basicamente nas últimas três décadas, reunindo grupos informais, entidades formalizadas, com dimensões inicialmente nascidas das ações locais, e ampliadas para reunir atores a nível regionais e nacionais, como analisa Palhano Silva (2010, p.1). Identificou-se que essas têm como espaço privilegiado os processos de articulação, formação e produção, seja visando sua configuração social ou produtiva.

Ao analisar a força e emergência das redes de movimentos sociais na América Latina, Ilse Scherer-Warren, constata que “vêm construindo caminhos para uma política emancipatória, na medida em que se apresentam abertas à diversidade das organizações sociais da região, vêm colaborando para reescrever a história de ocupação e a de dominação em cada país, traduzindo-as em simbologias e significados para as populações mais excluídas, discriminadas e dominadas no presente, criando utopias de transformação que foram unificadas no lema “um outro mundo é possível” e suas variações de interpretação. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 515).

Muitas vezes, definimos erroneamente Educação de Jovens e Adultos. Por isso, antes de iniciar nosso estudo, é necessário conhecer um pouco da história dessa modalidade de ensino. Segundo Freire (apud Gadotti, 1979, p. 72) em Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta, os termos Educação de Adultos e Educação não formal referem-se à mesma área disciplinar, teórica e prática da educação, porém com finalidades distintas. Esses termos têm sido popularizados principalmente por organizações internacionais - UNESCO - referindo-se a uma área especializada da Educação. No entanto, existe uma diversidade de paradigmas dentro da Educação de Adultos.

É necessário perceber o grau de desenvolvimento que esses empreendimentos possuem. Segundo Castells (1999), o desenvolvimento tecnológico e as transformações das sociedades estão intimamente relacionados, embora “a tecnologia não determine a sociedade. Nem a sociedade escreva o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo” (CASTELLS, p. 25).

Por outro lado, faz-se necessário verificar as ações da UFPB que há quatro anos implementou o Campus universitário com unidades situadas em Mamanguape e Rio Tinto, tendo 12 cursos, sendo 2 de mestrados. Tendo também o curso de educação sendo avaliado com conceito „5” e a presença no campo da educação do GEPEES com duas linhas de investigação, sendo uma Educação e Economia Solidária. Diversos registros já foram feitos sobre a ação da UFPB na região, dentre outros, MELO NETO (2003) destaca atividades de extensão universitária e produção do conhecimento na Paraíba. Assim, a presença da UFPB na região requer projetos que realize o diálogo, a investigação, (...) de elaboração idônea e de proposição dialogada com a sociedade. Esse papel é fundamental ser exercido pela UFPB para com os sujeitos econômicos e solidários do Vale do Mamanguape.

3 Metodologia

A proposição teórico-metodológico que conduzir-se o projeto enfoca as estratégias de ação e manifesta-se: a) No corpo teórico capaz de fornecer subsídios para a compreensão de



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

categorias e articulações de situações e no desvelamento de fenômenos; b) No campo metodológico o rigor para oportunizar de forma sistemática e eficiente as etapas e proposições para a materialização do projeto. A metodologia contará com a participação, socialização, diálogo interdisciplinar e a práxis.

Para apreender informações do movimento social denominado ‘empreendimentos econômicos e solidários’ recorreremos a Caldart (2000), Gonh (1991), Bogo (1999), Stedile (1999), Palhano Silva (2011), pois esses são especialistas na temática e ao longo de seus escritos tem demonstrado preocupação em oferecer parâmetros que qualificam esses sujeitos de atuação no campo educacional sejam eles: indígenas, economia solidaria sindicais, ecológicos, religiosos (...). Nas bases teóricas de Castells (2000), Pernambuco (2008), Paiva (2006), Dagnino (1994) e Scherer-Varren (1993) buscaremos o apoio para compreensão dos processos pedagógicos, das novas tecnologias e sua articulação com o campo educacional que constrói capital cultural. A articulação entre o microcosmo e o macrocosmo dos empreendimentos econômicos e solidários, bem como a articulação do capital cultural e social a partir de Bourdieu (1999).

Para Bourdieu (1999) trata-se de um trabalho do sujeito sobre si mesmo. O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um habitus. O capital incorporado não pode ser transferido instantaneamente, pois é algo pessoal. Ele é diferente do capital do dinheiro, da propriedade, cuja transmissão pode ser feita por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Os Capitais culturais e sociais se manifesta no objetivado, incorporado e institucionalizado. Nesse sentido, o objeto é analisado pelos seus contornos teórico-metodológico.

O projeto contemplará: a) Divulgação do projeto aprovado e seleção do bolsista; b) Definição dos ambientes onde serão aplicados a pesquisas; c) Montagem de instrumentos e aplicação dos instrumentos de coletas de dados, saber: questionários, entrevistas semiestruturadas e fotografias; d) Averiguação dos dados, tratamento, sistematização; d) Leitura dos dados sistematizados e produção dos relatórios; e) Identificação via reconhecimento pelo software GPS pela ação do Mestrado de Ecologia; f) Leitura dos ambientes identificados por membros do Mestrado de Antropologia; g) Consolidação dos resultados em relatório final do Projeto; h) Efetivar processo de divulgação dos resultados via apresentação em seminário com os sujeitos alvos do projetos/empreendimentos de economia solidaria;

A metodologia deve ainda: No primeiro momento fazer a conceituação sobre EJA e ECOSOL especialmente como vem se manifestando no Vale do Mamanguape, porém fazendo uma interface com as matrizes da EJA e da ECOSOL; No segundo observar onde estão os empreendimentos, suas características e suas relações com o mercado, com a população, bem como sua interface com a EJA e ECOSOL e a relação com a UFPB, notadamente com os Cursos instalados no CCAE (litoral norte) e com o GEPEeS, Mestrado de Ecologia e Antropologia. Para tal serão aplicados questionários, entrevistas semiestruturadas gravadas e fotografias. No terceiro momento, promover a articulação teoria-prática possibilitando um desenho do objeto mais próximo da sua realidade.

Devemos afirmar que a participação dos membros na avaliação é algo fundamental para a condução do processo de aplicação do projeto. Ressalta-se que todo o material ficará no arquivo vivo no GEPEeS para consulta publica por pesquisadores, estudantes e comunidade. No plano teórico, os empreendimentos econômicos e solidários tem assumido importância por



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

serem espaços de confluência de interesses gerando nos participantes o habitus de participar de um processo social, econômico, cultural, por exemplo, as feiras agroecológicas e solidárias que tem como sujeitos produtores e consumidores de consumo e comercialização de produtos saudáveis. Esses são espaço de interatividade, de vivência, de instalação de sociabilidade que se enraíza nos sujeitos na medida em que tem regularidade, bem como, na medida em que consomem seus produtos, divulgam suas matrizes indenitárias, agroecológica e solidária. Diríamos, assume uma plataforma da sociedade da felicidade marcada pelo habitus:

Para que um campo funcione, é necessário que aí existam enjeux e pessoas prontas a jogar o jogo, dotadas de habitus que permite o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos enjeux. (PALHANO SILVA, 2004, P. 157).

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades.

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria habitus implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O habitus é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992, p. 101).

Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam. (SETTON, 2002, p.63)

4 Primeiros resultados já alcançados com as ações do projeto:

4.1 Levantamento de dados

Foi iniciado o levantamento de dados dos empreendimentos econômicos e solidários produzidos pelos levantamentos da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE; Foram identificados empreendimentos no litoral Norte a partir do relatório da SENAES/MTE no Vale do Mamanguape;

Menciona-se que foi iniciada a aplicação do instrumento de coleta de dados dos empreendimentos econômicos e solidários no Vale do Mamanguape. Esse levantamento deverá continuar nessa segunda fase;

4.2 Leituras temáticas

Visando uma compreensão teórico-metodológica foram realizados momentos de estudos sobre a temática da economia solidária de forma sistemática, especialmente, a leitura de documentos básicos acerca dos fundamentos da economia solidária;

4.3 Visitas aos empreendimentos:

No intuito de compreender melhor os empreendimentos de economia solidária, foram realizadas visitas técnicas as feiras agroecológicas e solidárias instaladas no Campus da UFRN – Natal - RN, e no Campus da UFPB – João Pessoa - PB, nos municípios de Rio Tinto, Jacaraú, Itapororoca e Marcação, além da visita técnica ao empreendimento solidário denominado Eco Vita Pau Brasil em Pium – RN.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

4.4 Participações em eventos

Registra a participação em eventos como:

- Simpósio de Incubadoras Nordestina de Economia Popular Solidária promovido pela INCUBADORA da Universidade Federal de Campina Grande/2011; sendo na oportunidade apresentado o Dr. Paulo Roberto Palhano Silva proferido conferencia e coordenado mesa redonda;
- Seminário de Incubadoras do Brasil, realizado em João Pessoa, UFPB, promovido pela INCUBES/2011;

Pelos processos de observação já podemos identificar um conjunto de características que mantém um distintivo (BOURDEIU, 1999) das feiras agroecológicas e solidaria frente aqueles de natureza tradicional.

5 Pelos processos de observação já podemos identificar um conjunto de características que mantem um distintivo das feiras agroecológicas e solidaria frente aqueles de natureza tradicional. Vejamos:

Percebe-se que as feiras de natureza agroecológicas e solidárias possuem um conjunto de indicadores que se reúnem numa estrutura articuladora de capital cultural gerador de habitus.

5.1 Troca de saberes.

Isso não é novidade frente às feiras convencionais, mas o diferencial reside juntamente no conteúdo dos saberes, numa pronuncia-se os cuidados para a produção limpa, livre de pesticidas e fungicidas, que ao serem consumidos são incorporados aos organismos humano ou animal provocando doenças; numa o incentivo pelos medicamentos naturais, pela elaboração de chãs; noutra, promove a articulação da alopatia com produtos caseiros, que podem não ter eficácia. Na primeira, o saber popular encontra-se com o científico gerando o dialogo possibilitando de novos conhecimentos. É comum, quem vai a feira ficar parado dialogando, estabelecendo conexões entre a forma laboriosa da produção, do transporte, da embalagem até chegar à feira. Na segunda o importante é realizar a conversa visando a comercialização. Há pouca interação. Geralmente, o consumidor não sabe o nome do produtor e vice-versa.

5.2 A ação em rede:

As feiras possuem ação em rede. Há compras coletivas. Há decisões coletivas. Periodicamente os produtores se reúnem conversam, dialogam, definem ações, pronunciam-se sobre algo, rezam, fazem visitas técnicas entre si. Há uma sociabilidade que vai sendo gestada por meio da conversa, da elevação da confiança, dos pactos definidos e renovados em manter os produtos limpos. Geralmente, existe uma coordenação eleita. Isso marca uma ação em rede, pois todo norteamento é proveniente da ação coletiva. Nas feiras convencionais, cada feirante realiza suas atividades sozinho. Geralmente, é feita por um grupo pequeno, sem participação coletiva.

5.3 Formação dos sujeitos

Os sujeitos participantes estão em permanente processo de formação ou autoformação. Geralmente, vinculam-se a uma Incubadora, ONG, ou articulação produtiva que realiza periodicamente estudos visando a boa formação e de articulação entre agricultores/as,



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

organizações sindicais, de assessoria, colegiados, dentre outras. Os aprendizados são constantes não apenas nos espaços de formação – cursos, encontros, ...- mas no cotidiano, onde é visto como um amplo ‘laboratório sem paredes’. A cada informação nova, a cada situação ‘complicada’,..., há sempre uma socialização (...) e quem já vivenciou socializa a forma de resolver ou livra-se temporariamente ou parcialmente do processo. A formação é algo fundamental para manter o grupo em rede de produtores com o mesmo grau de eficiência e eficácia em termos de produção orgânica ou agroecológica. Sem ampliação do capital cultural não há renovação de mentalidade e habitus saudáveis. Na convencional, os sujeitos mantêm as informações vindas da tradicionalidade e as renovam sempre por aquelas que tem tratamento com base convencional.

5.4 Conhecimento agroecológico e solidário:

Há um conhecimento que vai sendo tecido com a matriz agroecológica e solidária, fortalecendo os produtores e consumidores. Os novos produtos são apresentados detalhadamente aos pares. O desenvolvimento de características de inovação e mesmos os desafios que emergem no processo produtivo ou de comercialização são socializados. O princípio é compartilhar saberes, prazeres, descobertas, dúvida e até mesmo as possíveis perspectivas e cenários. Tudo isso parece sem utópico, mas é fácil compreensão se a estratégia tiver como ingrediente a solidariedade, a busca de saber sem competição entre os pares e consumidores. Na tradicional, o conhecimento também é requerido aos seus membros, mas o princípio é capitalista: acumular conhecimento sem compartilhar com os pares ou consumidores.

5.5 Planejamento

Planejamento das ações sem o reunismo. Os pares das feiras realizam de forma sistemática e quando há necessidades reuniões entre si ou com a presença e participação da assessoria. Longe do reunismo que marcou a vida dos movimentos sociais nos anos 1990, os membros, com o acúmulo que possuem, sempre que necessário realizam reuniões e assembleias onde a pauta é uma construção coletiva. Não se trata de algo linear, são guiadas por planejamentos estratégicos, sendo as definições construídas por todos os membros, onde resultados são compartilhados, as dificuldades anunciadas, os desafios são postos a mesa e as soluções buscadas conjuntamente. Há uma vivência da democracia direta, pois a sociabilidade vai além do mero diálogo, mas sim, quem participa pode contribuir para a construção das proposições e pode fazer parte da implementação dos encaminhamentos. Isso não é tarefa apenas da coordenação geral. Assim, esse é um espaço que produz crescimento dos seus membros. Na tradicional, um grupo faz o planejamento das ações, quando faz. Na maioria das vezes a coordenação controla todo o processo de realização da feira, dando uma aparência de organicidade, mas é pura organização delegada, sem democracia.

5.6 Educação financeira

A educação financeira é vivenciada nas feiras agroecológicas e solidárias. De uma vez por todas, fica fora do vocabulário a ideia de lucro. Não há lucro, pois pressupõe a geração da mais-valia, da usurpação de parte do trabalho alheio que se materializa em produção. A educação financeira começa pelo fato de quem produz ser produtor e ao mesmo tempo ser quem realiza a comercialização. A comercialização não é terceirizada. Os produtos não são de terceiros, mas do próprio produtor. A venda é direta ao consumidor. E para tal exercício, o produtor terá que elaborar o preço com base naquilo que utilizou – sementes, ferramentas,



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

insumos orgânicos, água, deslocamento de produtos,... – para finalizar os produtos. Além disso, o produto terá que ‘caber no bolso’ do consumidor – que muitas vezes já é cliente da feira. Nada de exploração do consumidor. Mas, cada produtor é autônomo na formulação dos seus preços. No entanto, os seus pares podem opinar para que possam exibir um valor marcado pelo equilíbrio. Esses são alguns dos ingredientes que são indispensáveis numa feira dessa natureza. A sustentabilidade financeira é fundamental para haver o enfrentamento dos desafios, das crises da economia, da manutenção enquanto locus gerador de habitus com o modus operandi e da vida saudável, onde o modelo de educação financeira solidária que acaba também sendo observado pelos consumidores. Na feira tradicional a educação financeira fica vinculada às formulações da economia capitalista global. Não há inovação. A regra é a venda com lucro;

5.7 Troca de produtos

Algo bastante peculiar das feiras agroecológicas e solidárias é a troca de produtos. Se um produtor tiver necessidade de adquirir um produto exposto por outro produtor, há duas perspectivas: a) comprar com moeda convencional ou social; b) realizar a troca por outro produtor de valor equivalente ou não;

5.8 Caixa solidária

Os produtores ao final de cada feira realizam o depósito de quantia para um caixa comum solidário. Cada produtor deposita quantia equivalente em caixa. Essa quantia, definida em comum, pode ser taxa fixa em percentual sobre o montante de vendas do dia, pode ser valor fixo para todas as bancas. As bancas geralmente pertencem ao coletivo de produtores. Percebe-se que isso é variado, mas o critério de contribuição é para todos. Esse valor geralmente fica armazenado com a comissão de finanças ou com tesoureiro. Também se percebe que periodicamente é feita uma prestação de contas. Os recursos são destinados ao pagamento das despesas necessárias da feira, exemplo: reorganizar as bancas, adquirir material publicitário, dentre outros. É evidente, que esse caixa pode ser ‘engordado’ por projeto externo, mas no geral, as feiras se movem com esse capital que é fruto do trabalho direto dos produtores. A sua utilização geralmente é feita em função da boa caminhada da feira. Na feira tradicional a grana que ‘aparece’ é o pagamento das bancas ao seu proprietário.

6 Conclusões

Pelos dados coletados e analisados no início da trajetória da pesquisa, percebe-se que os empreendimentos econômicos e solidários, tomando como exemplo o caso das feiras agroecológicas e economia solidária na Paraíba e no Brasil, assumem um papel fundamental na dinâmica dos espaços que estão instaladas e dos sujeitos envolvidos – no caso produtores e consumidores.

As feiras, como empreendimento, tem a capacidade de produzir neles, um enraizamento – interiorização - da dinâmica sócio-econômica-cultural das populações. Essas são espaços de externalização - diálogos, de troca de saberes, de formulações propositivas -, que emergem em todo o Brasil, como uma nova referência cultural que visa instituir novos hábitos de consumo alimentício, de autogestão, de relações sociais, de visão de mundo.

Na medida em que há uma regularidade na participação dos produtores nas feiras, bem como, dos consumidores, percebe-se que se gera um habitus com capacidade de possibilitar no cotidiano dos indivíduos e do grupo uma estrutura, estruturante, estruturada, gerando um novo



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

sujeito com uma identidade social, guiado por um sistema de orientações ora consciente, ora inconsciente, a partir das escolhas pautadas na liberdade. A UFPB através do GEPEES e INCUBES, enquanto instituições universitárias, acompanham, sistematizam, publicizam, validam, com os empreendimentos, os processos dessa dinâmica desses sujeitos que marcam a história contemporânea do Brasil.

7 Referências

ANTEAG. Autogestão e Economia Solidária – uma nova Metodologia. SP, Anteag, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

_____. Campo econômico. A dimensão simbólica da dominação. Tradução: LINS,

Daniel. São Paulo: Parirus Editora, 1999.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. SÃO Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Globalização ética e solidariedade. In DOWBOR, Ladislau; IANNI,

Octávio e FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DAGNINO, Renato Peixoto. Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas/SP.:IG/UNICAMP, 2009.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. (org.). Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como Práxis Pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária e produção do conhecimento. Conceitos, João Pessoa - PB, v. 5, n. 9, p. 13-19, 2003. MOTTA, Eugênia de Souza Mello Guimarães. A outra economia: um olhar etnográfico sobre a economia solidária. Dissertação de Mestrado do PPGAS/UFRJ, 2004.

MOTTA, Eugênia de Souza Mello Guimarães. A outra economia: um olhar etnográfico sobre a economia solidária. Dissertação de Mestrado do PPGAS/UFRJ, 2004.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto. MST, HABITUS E CAMPO EDUCACIONAL: Plantando as sementes de uma educação libertadora. Natal, UFRN (tese de doutorado), 2004.

_____. A formação do educador libertador em rede. In: Programa de Formação A economia solidária como estratégia de desenvolvimento, 2008a, Brasília.

_____. A economia solidária como estratégia de desenvolvimento. Ministério do Trabalho e Emprego – SENAES, 2008b. v. 2. p. 167-190

_____. Redes: um novo sujeito coletivo na economia solidária. In: XXVII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, 2009, Buenos Aires - Argentina. XXVII Congresso ALAS: Latinoamérica interroga. Buenos Aires - Argentina: Associação Latino-americana de Sociologia, 2009.

_____. Novas estratégias educativas: experiências das redes de economia solidária no Brasil. In: VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural - America latina: realinhameientos políticos y projectos en disputa, 2010a, Porto de Galinhas - PE. VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural - America latina: realinhameientos políticos y projectos en disputa. Recife : Alasru - UFRPE, 2010. v. 8.

_____. A pedagogia do Movimento da economia solidária. Quixadá – CE, de III FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia, 2010b.

_____. Educação política: Sujeitos. Educação e cidadania (a experiência do MEB no RN. In: Congresso internacional: um olhar sobre Paulo Freire, 2000, Evora. Um olhar sobre Paulo Freire - O livro do Congresso. Evora - Portugal : universidade de Evora, 2000. v. 1. p. 166-167.

_____. Educação e economia solidária em Redes no Brasil. In. Coletânea de Textos Didáticos -



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Dialogando com o Planejamento, Gestão, Comercialização e Apicultura em Economia Solidária. Planseq Ecosol – Plano Nacional de Qualificação Social e Profissional em Economia Solidária. MTE-SENAES. Natal, Grupo Colmeias de Projetos Assessorias e Serviços, 2009, nº 3, pag.33 – 45, 2010c.

_____. Memória e identidade: um estudo das práticas educativas do MST. USP, IV CIPA, Congresso Internacional de Pesquisa (auto) Biográfica. São Paulo, USP, 26 a 29 de julho de 2010d.

_____. Educação e ação cultural no Vale do Mamanguape via a sétima arte. Mamanguape – PB, UFPB, PRAC, PROBEX, 2010e.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto, PESSOA FILHO, Peron Bezerra e Xavier, Aline Araujo Tairir de Lima. Educação, capital cultural e arte: O cinema no Vale do Mamanguape encantou muita gente. Mamanguape – PB, UFPB, PRAC, PROBEX, 2010.

SENAES/MTE. Plano de Ação para 2004. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1994.http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/conteudo/Plano_de_acao.pdf

SINGER, Helena. República de Crianças: sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1997.

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária, 2002.

_____. A Economia Solidária como ato pedagógico. In KRUPPA, Sonia M. P. Educação de Adultos e Economia Solidária. Brasília: INEP, 2004.